



Editorial

Com alegria, apresentamos aos leitores o segundo número da *Revista Pensamento e Sociedade* vinculada ao *Programa de Pós-Graduação em Política Social e Desenvolvimento Regional* (PPGPSDR) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) Campus Mucuri. Este número tem como tema o “*Debate étnico-racial e enfrentamento ao racismo*”.

O debate sobre a questão racial é dos mais prementes na cena acadêmica contemporânea, bem como na opinião pública. O genocídio no Rio de Janeiro é um grande exemplo da necessidade de colocarmos na agenda pública o racismo estrutural no Brasil. Como se trata não apenas de uma questão de saber, mas também de poder, muitas vezes se tende a diminuir, ou mesmo menosprezar o debate étnico-racial a uma questão menor, que ficaria como que “a reboque” de questões epistemologicamente e politicamente consideradas mais “dignas e importantes”.

Ora, assim proceder nada mais é que opera no interior de um sistema de pensamento que, embora se declare antirracista, acaba por cometer o que podemos chamar de um mal disfarçado racismo epistêmico e reafirmando o mito da democracia racial. É quase como se dissessem em nível acadêmico, o racismo que se comete nas ruas: “(...) *isso é coisa de preto*”. Logo, não pode ser algo cientificamente relevante. Importante observar que, muitas vezes, tal forma de proceder é típica daqueles que operam como se tivessem o monopólio do debate intelectual.

Algo que, inevitavelmente, nos leva a indagar: em muitas ocasiões, os grupos de debate e pesquisa não repõem academicamente o recorte excludente de raça? Ao propormos este número, convidamos nossos leitores a fazerem conosco esta e outras indagações pertinentes ao debate antirracista e que envolve grupos historicamente excluídos como os remanescentes de quilombos, as mulheres e os povos das florestas.

Ademais, não se pode olvidar que a presença do debate racial na atualidade ocorre tanto pela coragem criativa e ativismo epistêmico dos grupos raciais historicamente marginalizados na sociedade brasileira, como também faz parte de um movimento contra certo elitismo universitário



que muitas vezes realoca sob o ponto de vista de um paradigma científico excludente, os preconceitos e estigmas raciais secularmente estabelecidos.

Contudo, já não se trata mais de fazer com negros e indígenas sejam “objetos da ciência”, mas sim que façam Ciência. Isto é, sejam sujeitos protagonistas das questões que mais os atingem. Operando a partir de dentro, e não de fora, sempre matizado pelo olhar do outro.

Certos de que o fazer científico e as questões histórico-sociais nunca se desvinculam, pois não há ciência pura e imune às questões decisivas de seu tempo, buscamos contribuir com o debate étnico-racial sem cairmos nas armadilhas de um modo operar das ciências humanas e sociais que teima em repetir fórmulas velhas, incapazes de compreender o novo.

Comida requentada, alimenta; porém, não aguça o paladar, e o que almejamos, enquanto período científico, é aguçar a mente dos nossos leitores para nutrimos o debate da melhor forma em busca de uma leitura permeada por educação antirracista.

Uma boa e interessada leitura é o que desejamos!